

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

GABRIEL SIQUEIRA LOPES

**Cultura de resistência: a Capoeira em São Paulo**

**São Paulo**

**2022**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

## **Cultura de resistência: a Capoeira em São Paulo**

Gabriel Siqueira Lopes

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP)

**Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira**

**São Paulo**  
**2022**

**Cultura de Resistência: a Capoeira em São Paulo**

**Gabriel Siqueira Lopes**

**Resumo:** Este trabalho procura analisar a influência da Capoeira pela cidade de São Paulo e Região Metropolitana nas práticas culturais negras em determinados locais da maior cidade da América Latina. Começamos pelos primeiros relatos da arte na cidade que datam do fim do século XIX e meados do século XX, ganhando corpo, forma e características únicas de um local que recebeu e recebe imigrantes de todos as regiões do Brasil e do mundo, tornando isso um fato relevante para a identificação de uma capoeira paulistana, que tem a história entrelaçada com a história do samba em São Paulo. Essa análise é feita com base em bibliografia e entrevista, trabalho que ajuda a entender a importância dessa arte na história negra da cidade.

**Palavras-chave:** Capoeira. São Paulo. Cultura Negra. Relações Raciais. Resistência. Ancestralidade.

**Abstract:** This work seeks to analyze the influence of Capoeira in the city of São Paulo and Metropolitan Region on black cultural practices in certain places in the largest city in Latin America. We start with the first reports of art in the city dating from the end of the 19th century and the middle of the 20th century, taking shape, shape and unique characteristics of a place that received and receives immigrants from all regions of Brazil and the world, making this a fact relevant for the identification of a capoeira from São Paulo, whose history is intertwined with the history of samba in São Paulo. This analysis is based on bibliography and interviews with outstanding figures of the struggle, work that helps to map important groups and collectives of Capoeira. This analysis helps to understand the importance of this art in the black history of the city..

**Key words:** Capoeira. São Paulo. Black Culture. Race Relations. Resistance. Ancestry.

**Resumen:** Este trabajo busca analizar la influencia de los grupos y colectivos de Capoeira en la ciudad de São Paulo en las prácticas culturales negras en ciertos lugares de la ciudad más grande de América Latina. Partimos de los primeros relatos de arte en la ciudad que datan de finales del siglo XIX y mediados del siglo XX, tomando forma, forma y características únicas de un lugar que recibió y recibe inmigrantes de todas las regiones de Brasil y del mundo. , siendo este un hecho relevante para la identificación de una capoeira paulista, cuya historia se entrelaza con la historia de la samba en São Paulo. Este análisis se basa en bibliografía y entrevistas con figuras destacadas de la lucha, trabajo que ayuda a mapear importantes grupos y colectivos de Capoeira. Este análisis ayuda a comprender la importancia de este arte en la historia negra de la ciudad.

**Palabras clave:** Capoeira São Paulo. Cultura Negra. Relaciones raciales. Resistencia. Ascendencia.

## 1. INTRODUÇÃO

A Capoeira só começou a ter status de arte e cultura no Brasil em meados de 1940, depois de quase 50 anos criminalizada. Em São Paulo, o reconhecimento é mais tardio, quase na virada do século XX para o XXI. Apesar disso, a capoeiragem esteve presente na cidade desde sua criação, mas hoje é difícil quantificar o tamanho dessa arte, apesar de termos bairros muito ligados à prática como Campo Limpo, na Zona Sul, e Liberdade, no Centro.

Não único, o caminho da Capoeira na cidade é disseminado por uma história muito oralizada, com registros documentados na imprensa (que já criminalizou muito a prática). A quantificação e mapeamento da Capoeira hoje na cidade é importante para, além de conhecer o seu tamanho real e poder comparar ela com outras práticas, entender quais bairros possuem mais força a Capoeira e o porquê disso acontecer, mas, além dessa quantificação é necessária o mapeamento qualitativo dessa cultura, já que ela é muito difundida por via oral e é nesse sentido que este trabalho caminha.

Um dos autores que essa pesquisa usou é Filipe Amado, ele lembra em seu trabalho exemplos de como a prática era tratada pela imprensa no fim do século XIX, que relacionava a arte com vadiagem e a tratava como caso de segurança pública.

*Há inúmeros casos reportados pela imprensa paulista sobre capoeira presente em conflitos ou como a causa destes. Isso também se deve à uma visão negativa da capoeira, associada a valentões, vagabundagem, crimes e à própria camada da população negra, muito hostilizada e marginalizada pelos jornais da época. (AMADO, 2021, p. 24)*

Para analisar esse cenário, este trabalho escolheu quatro obras que, principalmente, ajudam na reflexão. Professor Kabengele Munanga, que escreve sobre a negritude e as características do oprimido. Em seguida, um compilado de autores na obra "Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil", que faz uma análise histórica da Capoeira. Depois, o mestrado de Filipe Amado, que estudou a Capoeira paulista, mais conhecida como Tiririca entre os anos de 1900 e 1970. Além deles, Muniz Sodré ajuda a entender o que é ser um capoeira (corpo e alma), tendo relevância histórica, além de toda a sua obra, como discípulo de Mestre Bimba, criador da Capoeira Regional. Por fim, registros de matérias e legislação ajudam a entender a mudança de tratamento da arte, antes marginalizada e hoje reconhecida até internacionalmente.

Junto a esses estudos, uma entrevista feita com Mestre Amaro, capoeirista natural da Bahia que imigrou para São Paulo na década de 1960, ajuda a entender como se deu o jogo da Capoeira na rua durante as últimas décadas. Essa conversa com um capoeirista antigo e que treinou com mestre renomados como Pantera e Leopoldina ajuda a contextualizar como a Capoeira evolui nas rodas.

## 2. A CAPOEIRA EM SÃO PAULO

Desde 1985 o capoeira tem o seu dia comemorado em São Paulo, conforme a Lei nº 4.649. O reconhecimento legal do 3 de agosto foi conquistado após aprovação de um Projeto de Lei apresentado pelo deputado Tônico Ramos e sancionado pelo governador Franco Montoro. Apesar do reconhecimento, a importância cível da data é parecida com o tamanho da lei que tem dois artigos escritos em duas linhas curtas. Já a importância histórica do gesto é algo a ser estudado, afinal aproximadamente uma década antes começou um movimento para descriminalizar a capoeira no Brasil e a migração de grandes mestres para São Paulo foi fundamental para a aceitação do Estado dos capoeiras:

*Em oposição a tal criminalização, de 1890 até 1937, surgiram, como alternativas funcionais para a capoeira: a sua valorização simbólica no âmbito da reafirmação dos costumes, a partir da década de 1940 na Bahia; a esportivização da prática, experimentada inicialmente nos anos 1960, com a migração de mestres baianos para São Paulo e Rio de Janeiro e oficializada em 1972 por portaria do Ministério da Educação e Cultura (MEC); e, recentemente, a sua patrimonialização, cujos resultados ainda estão sob avaliação, tal como será discutido mais à frente. (OLIVEIRA e LEAL, 2009, p. 49)*

Mas qual é o tamanho que a capoeira tem na cidade de São Paulo? E qual a importância dela para o desenvolvimento da cultura negra na maior cidade da América Latina? No toque do berimbau, do pandeiro e do atabaque é o que este trabalho quer começar a detalhar. Com a influência de mestres históricos como Bimba, Pastinha, Waldemar e Pantera, a Capoeira paulista faz parte de um movimento criado por pessoas negras escravizadas na Bahia e que foi e é importante para que a comunidade negra paulistana revise sua ancestralidade.

Um passo importante para descobrir o tamanho da influência cultural e social da capoeira na cidade de São Paulo é saber o tamanho físico que os grupos e capoeiristas têm na metrópole. Para ajudar neste momento, dados do Portal da Capoeira, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que faz parte do Governo Federal, dão um panorama oficial da arte na cidade e no estado, mas, claro, como já foi falado, como a Capoeira tem grande parte da história registrada de forma oralizada, não é um documento estatal que vai dimensionar o tamanho da arte e ele corre o risco de ser subdimensionado.

No cadastro do Portal, em 26 de abril de 2022, existiam 1.146 registros de grupos no Brasil, 221 no estado de São Paulo e 51 na Capital. É importante reforçar que

esse registro é feito de forma voluntária pelos capoeiristas, ou seja, não há uma busca ativa, o que pode significar uma subnotificação de grupos no país, estado e cidade.

O Portal também traz o número de capoeiristas cadastrados. São 4.448 em todo o país, 918 em São Paulo e 224 na Capital. Desses, 64 registros são de Mestres na cidade.

Com essa mesma metodologia, o IPHAN também mapeou os pesquisadores de Capoeira. No Brasil, na mesma data, foram encontrados 423 no sistema, 79 no estado e 23 no município. Filtrando pelo termo "São Paulo", apenas dois trabalhos foram encontrados.

Na cidade de São Paulo, a história da Capoeira ficou escanteada pelo eixo Rio-Bahia até meados do século XX, mas, segundo Amado, "já existia uma tradição de capoeiragem na cidade desde o século XIX, entre escravos, libertos e até entre a elite na Faculdade de Direito do Largo São Francisco". Lembrando, é claro, que a cidade era outra se compararmos com as dimensões atuais.

Essa relação entre pessoas escravizadas libertas e a elite do Largo São Francisco em plena expansão da capital do estado foi tendo, também, influência na criação de bairros na região central. No centro, bairros negros como Liberdade, Barra Funda e Bexiga ainda contam com uma cultura forte da Capoeira, segundo Amado. Mas, além desses, outros bairros negros eram formados pela cidade.

O que se sabe é que, não só em São Paulo, a Capoeira foi representada por muito tempo por um arquétipo violento.

*Como as elites brancas brasileiras do século XIX viam e representavam os capoeiras, ou seja, o seu "outro"? Nas representações sociais sobre os capoeiras, produzidas ao longo do século XIX, um elemento logo se destaca: o medo. Esse era o sentimento fundamental que os capoeiras despertavam nas elites, o qual aparece sob diversas denominações e sugere graus distintos de intensidade. Assim, os capoeiras são o erro da população pacífica" ou constituem "perturbação contínua à tranquilidade e sossego públicos"; há "nuvens de capoeiras que alarmam a população" ou a "lançam em pânico" e, de acordo com o texto que os torna criminosos, os capoeiras serão presos quando estiverem "ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal", o que é festejado por um trocista da época, o qual assegura que, a partir de então, "a navalha afiada a ninguém o medo aperta". Evidentemente, a variação da intensidade do medo branco corresponde a momentos históricos distintos. (REIS, 1994, p. 230)*

Desconstruindo essa ideia de violência, um dos bairros importantes para a história da capoeira na cidade é o Campo Belo, na Zona Sul. Hoje um polo comercial da cidade, também é abrigo da Casa da Capoeira, inaugurada em 2021 pela Prefeitura na rua Sapoti, número 20. Segundo a administração municipal, a criação da casa neste local tem como objetivo "formar indivíduos aptos a disseminar a importância histórica dessa expressão cultural que mistura luta, dança, cultura popular e música". Esse é o primeiro equipamento da cidade que visa a valorização da arte da Capoeira como forma de perpetuação da sua história.

A criação da Casa da Capoeira só foi conquistada após um Projeto de Lei que visava a construção do espaço. No artigo 1º do PL, os vereadores afirmaram que a casa seria "destinada à divulgação, valorização e prática da modalidade, com o objetivo de formar indivíduos aptos a disseminar a importância histórica dessa expressão cultural que mistura luta, dança, cultura popular e a música."

A ação dos vereadores parece isolada se não contextualizarmos como o capoeirista era tratado pelos políticos e imprensa no século passado. O Correio Paulistano reproduziu uma ata da Câmara Municipal de São Paulo em 26/11/1907, como bem recorda a pesquisa de Amado, no qual juízes da cidade sentenciaram em "673 processos referentes à capoeiragem, vagabundagem, jogos e apostas, uso de armas proibidas, e crimes contra o trabalho". Ou seja, para a elite paulistana, mesmo que tivesse uma relação com a Capoeira no Largo São Francisco, sempre foi crime qualquer forma de expressão periférica.

A justificativa para esse trabalho existir é justamente analisar, pesquisar e investigar se houve evolução nesta relação. A Capoeira mudou de status, como vemos no próprio discurso do poder público, mas será que a capoeiragem, quem pratica e sustenta a arte, saiu da marginalidade?

A capoeira está presente na vida deste pesquisador desde a infância e, com ela, toda uma bagagem empírica de relações raciais da arte com o Estado, outras manifestações culturais e sociedade. É visível ver duas correntes pré-concebidas dos capoeiras no imaginário popular: a de marginal ou a da personificação da cultura nacional (também confundida com a figura folclórica e animalésca, ou seja, não é uma personificação saudável ao capoeira, mas sim um estereótipo fácil de ser reproduzido).

Entendendo que a capoeira é uma manifestação cultural, social e esportiva genuinamente negro-brasileira, este trabalho quer aprofundar a importância dessa arte para o desenvolvimento da cultura negra na cidade e arredores.

### **3. A CAPOEIRA NA PONTA DO LÁPIS**

Pelo menos quatro obras nos ajudam a entender as pesquisas e recortes analíticos de diferentes visões, não apenas do objeto, ou seja, a capoeira, mas de toda uma relação racial na sociedade brasileira. Estes trabalhos trazem um pouco dessa história oral trabalhada na reprodução da cultura da Capoeira para o papel.

Seguindo uma ordem de recortes macro analíticos para os micros, o primeiro é "Negritude: Usos e Sentidos", do professor Kabengele Munanga. Essa obra é importante para esse trabalho pois ela avalia o significado de negritude e identidade racial no movimento negro, as características do oprimido (corpo e cultura) e estuda a construção de identidade, pontos importantes para o desenvolvimento de estudo sobre a interpretação da quantidade de grupos e coletivos de capoeira em determinadas regiões da cidade.

Outro marco é a obra "Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil", que faz uma análise histórica desde os primeiros relatos da prática da capoeira no país, como ela foi criminalizada, o uso político da luta e, posteriormente, o reconhecimento dela como patrimônio nacional. A principal parte da obra que cabe a este trabalho é quando os autores datam o marco temporal da chegada da capoeira em São Paulo, por volta de 1960, quando mestre baianos migram para o estado e há a oposição da ideia de criminalização.

Por fim, mas não menos importante, este trabalho vai utilizar a pesquisa de mestrado de Filipe Amado, pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, com título de "Abre a roda minha gente que o batuque é diferente: Tiririca, Capoeira e Samba em São Paulo 1900 - 1970". Esta obra é importante para relacionarmos a chegada de mestres baianos na década de 1960 com a mudança da capoeira paulista a partir desta data, além de conseguirmos ter um panorama de como a arte se desenvolvia antes disso.

Depois de séculos de luta contra a marginalização e criminalização, a Capoeira passou a ser reconhecida internacionalmente como uma expressão artística importante do Brasil. Em 2014 a Capoeira foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Esse é um dos exemplos de como a propaganda mudou. Outro, é que em 23 de novembro de 2018, aniversário de 119 anos de nascimento de Mestre Bimba, o Google fez uma homenagem ao capoeirista na plataforma digital. Em reportagem do mesmo ano do jornal El País, o jornalista Alberto López afirma que "coube a Mestre Bimba preservar os segredos da capoeira, uma atividade considerada ilegal um

século atrás por ser associada à marginalidade, e transformá-la numa prática tradicional, com todo o reconhecimento social e cultural do qual hoje desfruta."

Muniz Sodré, autor que foi discípulo de Bimba na Bahia, dedica um livro dos 30 que escreveu na área de comunicação e cultura ao mestre. Apesar de não fazer referência à Capoeira de São Paulo, "Mestre Bimba – Corpo de Mandinga" é importante para entender a força dessa expressão cultural e social no país.

#### **4. AXÉ, MEU MESTRE**

Além dos estudos acadêmicos mencionados rapidamente no capítulo anterior, a história da Capoeira segue uma forte tradição oral, como já foi colocado. Muito do que é a arte é passado boca a boca, de mestre a mestre, de jogadora a jogador. Essa prática vivencial de ensino é uma das formas que perpetuam não apenas a prática do esporte, mas também a história da sua cultura.

Pensando em documentar parte dessa história oral da Capoeira na cidade de São Paulo e Região Metropolitana, este trabalho ouviu Amaro Caetano de Souza, o Mestre Amaro, nascido na cidade de São Paulo por um acaso do destino quando a sua mãe visitava a cidade. Apesar de nascido, ele foi criado em Ibotirama, na Bahia, junto com a família. Com 60 anos de idade, 46 deles foram dedicados à Capoeira, Amaro voltou à terra natal em meados da década de 1970, que foi quando a prática, conhecida já no berço pela família de capoeiristas e percussionistas baianos, passou a ser também compartilhada na capital paulista. Sobre a sua história pessoal, o Amaro afirma que vem de "um clã de capoeiristas, aquela capoeira das antigas" e que teve "a oportunidade de conhecer inúmeros mestres na vida e excelentes capoeiristas."

"Desde pequeno o som do berimbau me arrepiava. [...] É algo que tá na minha alma", é assim que Amaro responde quando é perguntado quando conheceu a Capoeira. Segundo o Mestre, a família era composta por muitos percussionistas e capoeiristas ligados ao Candomblé, essa sincronicidade fez com que ele crescesse rodeado de atabaques e berimbaus. Por conta disso, ele se mostra apreciador dos toques e seletivo musicalmente, já que o berimbau, o pandeiro e o atabaque não foram feitos "pra serem espancados".

Mesmo jovem, sem conhecer a capital paulista e precisando sempre trabalhar em diversas áreas para se sustentar, Amaro afirma nunca ter parado de treinar. Segundo o Mestre, a Capoeira paulista era mais agressiva do que a baiana, ele afirma que "Capoeira é Capoeira, mas existe uma diferença no formato. [...] Na Bahia, a Capoeira era mais da 'vadiagem', no toque de São Bento pequeno corrido você jogava uma capoeira mais solta, mais 'mandigueira'. Aqui em São Paulo o bicho pegava, mais porrada". A Capoeira em São Paulo, então, no começo da década de 1970 era mais parecido com um treino marcial do que um dos expoentes da arte negra nacional.

Dois desses mestres que Amaro cita são Mestre Pantera, que conheceu também na década de 1970, e Mestre Leopoldina, este do Rio de Janeiro, mas que ficou íntimo pelo esporte. Hoje morador da cidade de Suzano, na Grande São Paulo, durante os anos

de Mestre Amaro na cidade ele precisou trabalhar com ofícios além da Capoeira, mas, segundo ele, nunca deixou de treinar, mesmo que treinasse até as "duas horas da manhã."

É importante lembrarmos aqui que é exatamente neste momento histórico que há uma mudança no status da Capoeira em território nacional. Ela é descriminalizada em meados de 1940, duas décadas depois é notada a chegada de mestres baianos aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro (OLIVEIRA e LEAL, 2009) e, com isso, esses locais começam a desenvolver essa prática com uma forma de tutela diferente do Estado.

Neste momento de mudança de tratamento institucional, Mestre Amaro também sentiu uma mudança do estilo dos capoeiristas. "Sempre considerei a Capoeira boa para autodefesa", essa afirmação remonta outro momento da entrevista em que ele discorre sobre a ancestralidade da arte e a função de sobrevivência que ela desempenhava na vida do escravizado. Neste momento histórico, Amaro percebeu um empobrecimento cultural da arte por parte de alguns praticantes a partir da década de 1990, mas, segundo ele, as gerações mais recentes de capoeiristas estão mais preocupados com a história e ancestralidade. Saber que essa arte é fruto de um movimento de resistência de pessoas escravizadas contra o sistema escravista brasileiro.

*O camarada fala que é capoeirista e o berimbau tá lá empoeirado, ele nunca pega um berimbau para tocar. Ele vai perder a mão. Isso eu posso te falar, a Capoeira é algo muito misterioso, ela é muito mística. Ela pede que você se empenhe por ela e que você esteja com ela, se você não estiver, eu não vou falar das outras artes marciais, mas da Capoeira eu posso falar. Você sempre tem que estar batendo um pandeiro, cantando, tocando, procurando e fazendo menção a todos os fundamentos que te foram ensinados a vida inteira. [...] E sempre falar dos fundamentos e da origem da Capoeira, o que nos levou a chegar aqui. Na minha casa eu conheci um chicote, ele vem com uma bolinha de ferro que vem com um cruz, um corte no meio dessa bolinha na ponta do chicote. Muita gente não sabe, mas o capoeira tinha que escapar daquele chicote e, se ele espiasse desse chicote do Capitão do Mato, o Capitão do Mato sabia que se ele encostasse com um negro muito hábil ele ia perder. Aquele bacamarte, tipo uma cartucheira que só dá um tiro, se o capoeirista escapasse daquele tiro ele sabia que já tava meio caminho andado. Dali, se o Capitão do Mato não tivesse habilidade com o chicote, que tinha uns quatro metros de comprimento, tava tudo em casa, o negro passa em cima do cavalo dele e derrubava ele e tava em casa. Então o negro precisava ter habilidade para cortar essa bolinha, que quando aquela bolinha batia no corpo dele, o Capitão do Mato só dava um movimento brusco no cabo desse chicote e rasgava a carne do escravo. Então precisava ter muita habilidade para cortar essa bolinha. (AMARO, 2022)*

Mestre Amaro ainda afirma que "jogar a perna pra cima é uma coisa, pular para trás qualquer pessoa com certa mobilidade faz, agora conhecer o porquê tá fazendo aquele movimento" é o que faz o capoeirista, isso sim é ancestralidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer um pouco da forma de reprodução da cultura da Capoeira, o boca a boca, o conhecimento passado das gerações mais experientes, a troca ancestral com a história e a relação com essa história é o objetivo deste trabalho. Em tempos em que a relação com a história está sendo tão atacada, a função de uma pesquisa como essa é documentar, mesmo que de forma ainda embrionária, a vivência do capoeira.

A pesquisa bibliográfica é fundamental para entendermos de que momento histórico Mestre Amaro vivência na cidade. Junto a informações de como essa arte foi mudando de status, é possível ver que o jogo deste capoeirista também foi mudando. E todas essas mudanças nos levam ao que vemos nas rodas hoje em dia. Às vezes um conglomerado de atletas marciais, às vezes uma reunião de figuras históricas da resistência negra, às vezes uma comunhão de tudo isso.

Como Amaro disse, qualquer um consegue jogar a perna para o ar, mas, para ser Capoeira, é necessário que se saiba que o peso ancestral de cada Benção, Meia Lua de Compasso ou Armada. O toque do Berimbau, do Atabaque e do Pandeiro não é só música, é história. A roda de Capoeira não é apenas um jogo ou um esporte, ela é a expressão viva da resistência de um povo que foi escravizado por quase 400 anos e que não sucumbiu - nem fisicamente, nem culturalmente - a um processo ordenado de genocídio. Capoeira é luta, é arte, é resistência, é ancestralidade.

## REFERÊNCIAS

AMARO, de Souza. Entrevista concedida a Gabriel Siqueira Lopes. São Paulo, 4 set. 2022. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta monografia]. Disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/1d2EdqT7sNMST\\_LsiwvDv2ySk9hl7Wg43/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1d2EdqT7sNMST_LsiwvDv2ySk9hl7Wg43/view?usp=sharing) Acesso em: 12 de outubro 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos** / Kabengele Munanga. – 4. ed. – Belo Horizonte: Autêntica. Editora, 2019. – (Coleção Cultura Negra e Identidades)

OLIVEIRA, J. P., and LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, 200 p. ISBN: 978-85-232-1726-6. Available from: doi: 10.7476/9788523217266. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/96v9g/epub/oliveira-9788523217266.epub>

LUSSAC, R. M. P.; TUBINO, M. J. G. <b>Capoeira: the history and trajectory of a cultural patrimony of Brazil</b> - DOI: 10.4025/reveducfis.v20i1.5815. Journal of Physical Education , v. 20, n. 1, p. 7-16, 29 Apr. 2009.

REIS, L. V. de S. **A capoeira: de "doença moral" À "gymnástica nacional"** . Revista de História, [S. l.], n. 129-131, p. 221-235, 1994. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i129-131p221-235. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18730>. Acesso em: 24 mar. 2022.

AMADO, Filipe. **Abre a roda minha gente que o batuque é diferente: Tiririca, Capoeira e Samba em São Paulo 1900 - 1970** / Filipe Amado; Jaime Tadeu Oliveira, orientador - São Paulo 2021

SÃO PAULO, **Constituição (1985)**, Lei nº 4.649, de 07/08/1985. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/27494#:~:text=Institui%20o%20%22Dia%20do%20Ca%20poeirista,no%20dia%203%20de%20agosto>. Acesso em: 13 de abril de 2022.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba**: Corpo de Mandinga. Bahia. Editora Manati. ISBN: 978-85-86218-13-2, 15 x 22,5cm , 112 p., 2002.